





# Homenagem a Paulo Freire aprendi lendo Caju<sup>1</sup>

*Para a Pró-reitora de Extensão Claudia Mayorga, pelo estímulo e o afeto, de quem acredita na força expressiva da arte popular no processo educacional. E aos meus colegas de luta do Teatro Universitário, em parceria com o Programa Polos de Extensão Pesquisa e Ensino da Fac. de Direito da UFMG, que, como o Mestre Paulo Freire, lutam para dar voz a quem não tem.*

**Prof. Fernando Limoeiro, ora conhecido como  
o cordelista: Vitorino- Sabe-ler.**

Meus amigos camaradas  
Prestem muita atenção!  
A história que eu vou contar  
Pertence a toda nação  
É a história de um cego  
Que serve bem de lição:

A miséria é muito ruim  
E tem em qualquer lugar  
Mas a pobreza sem água  
Acredite: É de lascar!  
Ver a criação morrer  
Sem ter como ajudar

O meu nome é Vitorino  
Que herdei do meu avô  
Junto com a fama dura  
De ser bom atirador  
Melhor ainda na enxada  
Seja na chuva, ou calor

Mas também há outra sede  
Que faz a gente tremer  
Vem misturada com a fome  
Da cultura e do saber  
Que eu só vim descobrir  
Depois que aprendi a ler

Nasci em Xorropotó  
Agreste do meu sertão  
No meu sítio só tem água  
Quando o rio dá vazão  
Ou quando a chuva premia  
Com as gotas da emoção

Depois de muito vexame  
Que cego não percebia  
Depois de engolir mentiras  
Que meu patrão me emitia  
De ser passado pra trás  
Seja de noite ou de dia

<sup>1</sup> Um resumo do cordel ora publicado foi interpretado pelo prof. Fernando Limoeiro na 20ª Jornada de Extensão da UFMG, realizada em 16 de junho de 2021. O vídeo da apresentação encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BSW1YZSDmvk>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Um auxílio do governo  
Nós passamos a receber  
Mas tinha cheiro de esmola  
Para quem não sabe ler  
Principalmente meu avô  
Que precisava escrever

E morria de vergonha  
Pra assinar o documento  
Dizia que era uma mistura  
De lavrador com jumento  
Pra quem não ler e não escreve  
Receber é um sofrimento

Eu respeitava meu avô  
E sentia seu tormento  
O sujeito que não ler  
Sente vergonha por dentro  
É um cego tendo olho  
Sente muito acanhamento

Mas o pior era eu  
Que era um jumento novo  
Um respeitado vaqueiro  
Que todo mundo temia  
Fingindo que era sabido  
Mas que de nada sabia

Meu avô adoeceu  
E eu passei a receber  
Ocupando seu lugar  
Mesmo sem saber ler  
Sem nunca contar a ele  
Que nunca soube escrever

Um dia eu estava no banco  
Pra receber com acanhamento  
Quando a mocinha do caixa  
Percebeu meu sofrimento  
- Moço, não há razão  
Pra esse envergonhamento

- Todo trabalhador  
Merece grande respeito  
Se o senhor não sabe ler  
Inda é tempo e tem direito  
De aprender ler e escrever  
Tornar-se um livre sujeito!

Fomos para uma palestra  
De um professor arretado  
Chamado de Paulo Freire  
Um mestre muito afamado  
Cada coisa que dizia  
Me deixava entusiasmado

Mas quero lhe confessar  
Fui tremendo e acanhado  
Mas as palavras que ouvia  
Me deixava iluminado  
Como se um novo mundo  
Tivesse descortinado

O mestre falava simples  
E todo mundo entendia  
Que ler também abre o pensar  
Era o que ele mais queria  
Que você lesse a palavra  
E o que ela pretendia

Todo lavrador bem sabe  
Além de plantar, pensar  
E desvendando as palavras  
Bem melhor raciocinar  
E já sabendo escrever  
Seus desejos registrar

O senhor pode acreditar  
Que eu fiquei arrepiado  
E ainda escondi na hora  
Os meus olhos marejados  
Confesso, desde esse dia  
Que eu me senti transformado

Entrei num curso noturno  
Que só tinha lavrador  
Ganhei livros e cadernos  
Parecia um professor  
Em poucos dias, acredite  
O saber me dominou

Eu perdi toda vergonha  
De repetir, perguntar  
E a fome foi aumentando  
De ler e de "escrevinhar"  
Além de aprender também  
Diminuir e somar

Como fez o mestre Freire  
Pra acabar a ignorância  
Somou seu grande saber  
Com amor e tolerância  
Iluminando a consciência  
Na velhice ou na infância

E disse pra minha mestra  
E para a classe escutar:  
- Escutei a vida inteira  
Com medo de duvidar:  
- "Que um papagaio velho  
Jamais aprende a falar"

Mas o mestre Paulo Freire  
Mudou logo meu pensar  
- "Que o homem sem leitura  
É fácil de dominar  
Cai em qualquer armadilha  
Que o poderoso aplicar"

A senhora aprendeu bem  
Como o mestre a ensinar  
A ler palavras da vida  
Que a gente sabia usar  
Roçado, enxada, partilha  
Logo aprendi soletrar

Juntei um "cê" com um "a"  
E um "jota" com um "u"  
E pude escrever sozinho  
A doçura do caju  
Que plantei quando menino  
Com sol quente e céu azul!

E tudo que eu julgava  
Que era difícil de ler  
Com as palavras do trabalho  
Logo aprendi a escrever  
Fui tomando consciência  
E querendo mais saber



Eu juro professorinha  
Que deve se orgulhar  
De cada turma de cego  
Que ajudou a enxergar  
E ninguém nos fazer de bobo  
E nosso destino domar.

Foi na luz do candeeiro  
Que Eu treinei sem parar  
Escrevia e repetia  
As letras do bê a bá  
E com elas fui juntando  
Para palavras formar

Caju, feijão, macaxeira  
Milho verde pra assar  
Escrevi pé de umbu  
Galinha, guiné, preá  
Mangaba doce e sapoti  
Umbu e também cajá

A professora aos poucos  
Sentia admiração  
E me deu outro caderno  
Para eu treinar a lição  
Logo misturei o juízo  
Com as coisas do coração.

Mas confesso que a mestra  
Só demonstrou vaidade  
Quando me viu escrevendo  
A palavra liberdade  
Ela viu que estava certa  
Eu escrevi felicidade!

Um dia fiz a besteira  
De mostrar para o patrão  
Que eu já sabia escrever  
E ler sem erro a lição  
Esperando o elogio  
E a sua admiração

- Seu lugar é no roçado  
Cuidando da plantação  
Que é disso que depende  
O lucro do seu patrão  
Leitura não rende nada  
E ainda dá confusão

- Fica metido a besta  
Lendo jornal e revista  
E quando menos se espera  
Tem ideia de comunista  
Tua caneta é a enxada  
Que é o orgulho do nortista

- Isso é o que o senhor pensa  
Mas aprendi diferente  
A escola toda noite  
Me faz mais inteligente  
Até a lua se orgulha  
Em me ver mais consciente

Um dia eu estava no banco  
Pra receber com acanhamento  
Quando a mocinha do caixa  
Percebeu meu sofrimento  
- Moço, não há razão  
Pra esse envergonhamento

Saí de cabeça erguida  
Sou lavrador do saber  
Que em breve vai plantar  
Outra forma de viver  
Ensinando a meus irmãos  
O valor de aprender

Eu costumei ter que ir  
Ao banco pra receber  
Levei uns belos caju  
Pra mocinha agradecer  
E ela ficou espantada  
Porque eu sabia escrever

Me disse emocionada  
Pelos conselhos que deu  
E ainda pelo cartão  
Que eu escrevi e ela leu  
Estava ali novo homem  
Como um presente de Deus

"Tem muita gente sedenta  
Doidinha pra aprender ler  
E junto com as palavras  
Pensar bem e debater  
Fugir da dominação  
Usando bem o saber."

"Todo homem tem direito  
De mostrar o seu pensar  
E defender o que é seu  
Quando ele discordar  
Lutar pelos seus direitos  
Ler tudo o que assinar"

E no fim do outro mês  
Quando vim pra receber  
No caminho para o banco  
Tudo eu gostava de ler  
Lia letreiro de ônibus  
Muito lugar pra comer

Já trouxe outro cartão  
Que com alegria ela leu:  
Quem luta e se alfabetiza  
Torna o mundo mais seu  
Já não é mais dominado  
Descobre o que padeceu

Minha doce professora  
Com Paulo Freire aprendeu  
E com o saber dos alunos  
Misturou e engrandeceu  
Quem ensina sempre aprende  
Com minha turma ela aprendeu

Trocou mil conhecimentos  
Viu nossa realidade  
Ensinou com essa mistura  
E aprendemos de verdade  
A dizer o que sentimos  
E lutar pela igualdade

Foi aí que ela me disse  
Você já está preparado  
Para ouvir essa notícia  
Que nos deixa revoltado:  
Paulo Freire foi expulso  
Por nos ter conscientizado!

E o que é mais perigoso  
Por nos ter politizado  
Fazer do aluno que ler  
É um cabra bem informado  
E que depois da leitura  
Nunca mais é dominado!

Expulso do seu torrão  
Para não ser torturado  
Por espalhar o saber  
E o pensamento apurado  
Como aprender ilumina  
Deixa mais capacitado.

De fato eu fiquei zangado  
Como é triste a ingratidão!  
Um governo que faz isso  
Não merece meu perdão  
E nem tão pouco o respeito  
De um eleitor cidadão.

Comecei a ler os livros  
Que ela me ofereceu  
Livros de Paulo Freire  
Deve ler, quem já não leu  
Educação como prática  
E mais livros me ofereceu

Do valor da liberdade  
Pedagogia do Oprimido  
Que eu confesso que foi esse  
O que mais mexeu comigo  
Ganhei de Cláudia Mayorga  
Me senti muito querido

Vendi minha parte no sítio  
Que meu pai tinha comprado  
E o patrão bancava o dono  
Do que se tinha plantado  
Fui embora pra cidade:  
Só volto quando formado!

Fui ser vigia num banco  
Meu dinheiro foi poupado  
De noite fiz um cursinho  
De manhã andava armado  
E tive a sorte danada  
De nunca ser assaltado

Eu varava madrugadas  
Mudando de apostila  
Dormia em cima dos livros  
Usava grande mochila  
De manhã ainda estudava  
Com a mente bem tranquila

Meu remédio era lembrar  
Do mestre a grande lição  
Que o pobre que estuda  
É guerreiro e cidadão  
E por ser trabalhador  
Merece até louvação!

Cada ano que passava  
Sentia perto a vitória  
Como um grande corredor  
Conquistando sua glória  
E a Taça Paulo Freire  
Premiando minha história



Até que chegou a hora  
Da bendita formatura  
A moça do banco foi  
O presente era uma mistura  
De caju com meu diploma  
Mais o canudo da luta

Sou um bom advogado  
Passei em terceiro lugar  
Comprei o sítio sonhado  
Que pai queria comprar  
E o patrão endividado  
Nem queria acreditar

E assim meus camaradas  
Terminou meu desatino  
Acabou minha cegueira  
No livro do meu destino  
Posso o cordel assinar  
Como Dr. VITORINO!

BH, 12 de Junho de 2021.